



## Saber para Reagir em Português: Gestores participam e recebem reivindicações das mulheres do Nordeste

ENVIAR | IMPRIMIR | **A+** A-



— Crédito fotográfico: Mônica Côrtes

08/07/2011 - 11h30

Boa Tarde, sou Antonia, do Maranhão, vivo com aids faz 13 anos... Eu me chamo Marilene, me infectei também há 13 anos, sou de Pernambuco.. Eu sou Socorro, faz 16 anos que tenho o vírus, sou de Teresina, no Piauí...

Na frente de gestores e do representante do Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV e Aids (UNAIDS), uma a uma, as 33 mulheres que estão em Salvador participando da oficina do projeto Saber para Reagir em Língua Portuguesa, foram se apresentando e trazendo um pouco mais da difícil realidade que vivem no

nordeste do Brasil.

A ativista do Rio Grande do Norte, Gisele Dantas, assumiu o papel de mestre de cerimônias conduzindo as apresentações. De Moçambique, JR, que assim vamos identificar, disse em sua explanação que por lá as "parcerias sexuais múltiplas sem o uso do preservativo faz com que a mulher fique mais vulnerável". Neste encontro no Brasil, ela representa organizações de mulheres de Moçambique.

Maristela Menchini, da Bahia, explicou aos gestores os resultados dos trabalhos frutos da reunião. "As cidadãs de olho nas Políticas Públicas. Fizemos um cordel, e cada uma de nós deixou seu recado", enfatizou.

Do plano apresentado, faz parte o monitoramento das ações públicas, a visibilidade dos problemas que enfrentam as mulheres e também a socialização das conquistas.

Cada um dos nove estados terá uma representante que será responsável pela continuidade e implantação do projeto. De novembro de 2011 a novembro de 2012, a intenção é realizar uma oficina em cada um dos estados. Foi formado um "igroup", troca de mensagens via internet, para que todas tenham acesso as informações discutidos no evento.

Os gestores também falaram. Alcina Andrade, superintendente de Vigilância e Proteção da Saúde da Bahia, admitiu que "tem sido uma luta para termos o SUS (Sistema Único de Saúde) que queremos".

José Almir Santana, na coordenação do programa de Sergipe há 25 anos, foi categórico. "Quando muda o governo, sempre o novo secretário fica de olho no dinheiro do PAM (Plano de Ações e Metas). O sonho deles é que a verba seja usada em outras ações".

Oswaldina Mota, da coordenação do Maranhão, admitiu problemas. "Muitas coisas independem de nós. Se mobilizem para nos ajudar", pediu.

Sonia Cristina, coordenadora estadual do Programa de DST/Aids do Rio Grande do Norte, disse que a máquina do estado é lenta e burocrática. "Nossa própria equipe sofre com frases como vocês só vivem de passeio e festas! Toda vez que muda a gestão, damos uns passos para trás", disse.

Socorro Chaves, que responde pela coordenação municipal de DST/aids de Salvador, explicou que em sua visão os gestores são "militantes em outra esfera".

O representante do UNAIDS no Brasil, Pedro Chequer, ressaltou que na África o processo é mais difícil e complexo porque

as leis que deveriam proteger as pessoas vivendo com HIV ainda estão em construção. Ele lembrou também que a agenda para tratar das questões relativas à aids está diminuindo. "Tem coordenador que não consegue ser recebido por secretário de saúde", citou.

Em relação à implantação de políticas que corrijam os efeitos da lipodistrofia, Chequer criticou. "Falta decisão política dos Estados! O problema está patinando há 5 anos!"

Eduardo Barbosa, diretor-adjunto do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, explicou que o Brasil é um país diverso e que nada se resolve "de uma hora para outra". Ele se comprometeu a levar as demandas levantadas e discutidas pelas mulheres para a comissão de gestores (Coge).

Depois, novamente as mulheres falaram. E claro, reclamaram muito! Firmes, seguravam o microfone e revelavam suas dificuldades. Faltam nos Estados e municípios profissionais de saúde que atendam os problemas específicos das mulheres. Exames como mamografia, ultrassonografia transvaginal, ou outros específicos para mulheres demoram mais de 4 meses para serem realizados no Nordeste.

Faltam ginecologistas e nutricionistas, por exemplo. Falta ainda o plano contra a feminização da aids sair dos gabinetes e virar realidade. As mulheres foram falando, falando. Falaram que falta o SUS funcionar melhor no Brasil.

De Salvador, Roseli Tardelli

*A jornalista Roseli Tardelli acompanha o evento "Saber para reagir em língua portuguesa" em Salvador com o apoio do UNAIDS e do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.*

## COMENTÁRIOS

### Faça seu comentário

Mensagem:

Nome:

E-mail:

Site/blog:

ENVIAR LIMPAR

### Apoio Institucional



AV. PAULISTA, 2073 • HORSA 1 • 8º ANDAR • CJ 822  
CEP 01311-300 • CERQUEIRA CÉSAR • SÃO PAULO • SP  
TEL. 055 11 3287 6933 / 3266.2107

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS • AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA AIDS • 2010